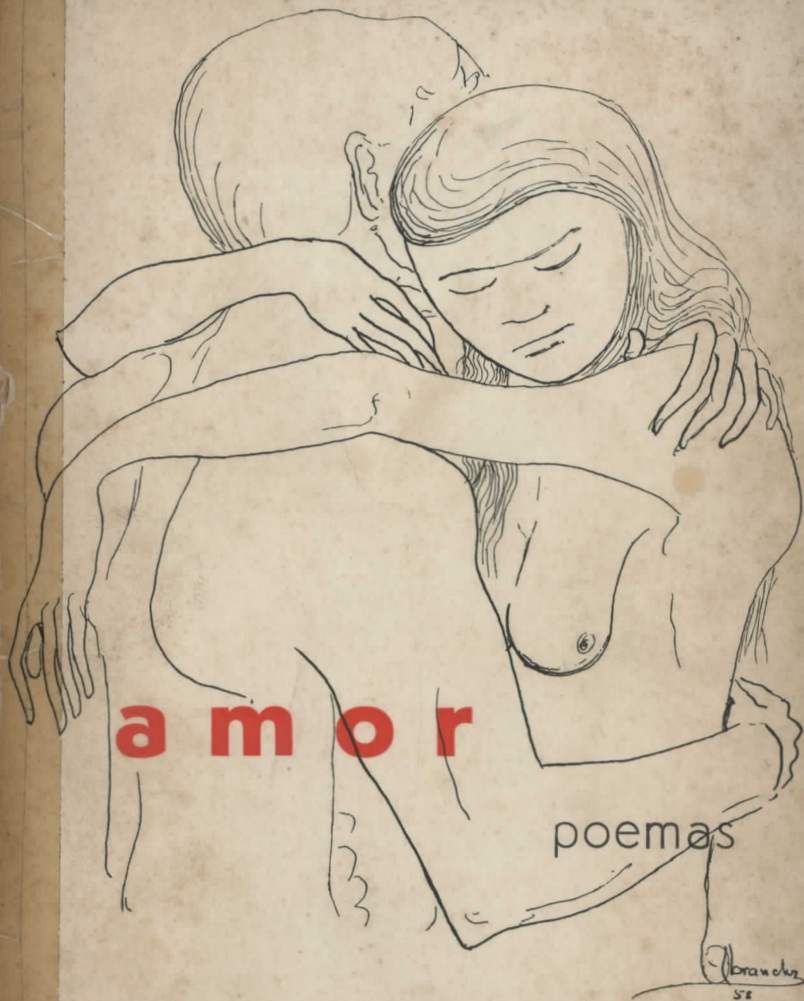


mário antónio



amor

poemas

brancos
58

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO-LISBOA

DO AUTOR

Poesias, Lisboa, 1956.

Poemas & Canto Miudo, Sá da Bandeira, 1960.

VERSOS EM:

Távola Redonda, Lisboa, 1952.

Mensagem, Luanda, 1952.

Cultura, Luanda, 1959.

LUCIO LARA

a m o r

COLEÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

N.º 1 — *Amor*, por M. António

NO PRELO

N.º 2 — *A Cidade e a Infância*, por Luandino Vieira.

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

M. ANTÓNIO

a m o r

poesias

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

LISBOA

s o n e t o

Não invoquei o sonho para amar-te.
Não te mudei o nome nem a face
nem permiti que nada transformasse
minha imagem de ti em forma de arte.

Não te menti em nada. Para dar-te
a imagem do que eras (Um enlace
perfeito e harmonioso é o que dá-se
entre quem és e o esforço de cantar-te)

só deixei que os meus olhos te mostrassem
como o fundo de um poço ou como chama
onde secretas imagens perpassassem

as estrelas e as flores, o fogo e a lama
todo o mudo pudor que nunca há sem
os olhos destruídos de quem ama.

a construção do amor

1.

Ficará como a seta ou como o raio

Aconteceu como um vulcão

de súbito

De súbito irrompeu em lava ardente

silêncios

maremotos

solidificações.

A imagem que procuro

foi só breve momento

instante breve

irrepetível criação.

Fósseis os versos
a memória não garante o sinal das queima-
[duras.

2.

Acaricio a lembrança insustentável
Modelo-a pouco a pouco na carícia
criadora dos dedos necessários
Passa a lava o vulcão o tacto destruído
Recrio-a pétala e seda flor e pluma
A memória desperta ao doce afago.

3.

Vem para mim com o seu nocturno véu
Intacteável rochosa solene eternizada
Nada consente ao gesto do Poeta

: Ei-la que voa despetalada e exangue

— Viens, colombe, poussa sobre os meus
[dedos-galhos

— Viens, colombe, arrulha para os pombos
[que em mim guardo

— Viens, colombe, aduba com as tuas fezes
este chão de Poesia

Que sobre ele cresça a massambala
e sobre ela cantem os pardais
na primavera construída.

— Viens, colombe!

4.

Não construí sobre a memória traiçoeira
Em cada músculo o peso duma flor:

Que ela venha e arranque
côr por côr
e passe a sua mão cicatrizante.

Um cheiro de resina vem e envolve
Tudo o que é sonho e tudo quanto é vida.

O seu odor profundo me liberta.

d o i s m o m e n t o s

1.

Há gente no caminho onde seguimos
Havemos de pôr sonho em tudo isto?
Entre o que vemos tudo é já-visto
É velha fé cansada o que sentimos.

2.

Embora o encontro seja fugidio
deserto o maximbombo a esta hora
e só te mostre o acaso ao meu olhar vadio
Quero fazer do instante a vida em fora.

sob as acácias floridas

1.

Com novembro a chiar nestas cigarras
as acácias sangrando suas flores
e um sol afirmativo num céu alto

Espero a tua carta e a minha vida

Uma pausa do tempo em minhas mãos
preenchida
pela contagem das horas
nas cigarras e pétalas caídas.

2.

A rua corre larga e sossegada
É a hora de tu vires!
Tu vens (eu sei) na moldura vesperal
com esta luz do passado nas paredes
e este céu de altocúmulos de dezembro.

Com os estames d'acácia
jogo a vida nas sortes infantis
«Antera cai? Não cai? Ela virá? Não vem?»
E a cada sorte recuso a evidência
«Ela virá? Não vem?»
É a hora de chegares!

3.

Os aros dos meus óculos te emolduram
ó Vénus de cabelos desfrisados!

Enquanto as minhas mãos, cegas, procuram
o cofre dos teus seios apertados.

Construímos assim a primavera
— a negada primavera dos amores:
Pega uma flor d'acácia para a pões
no meu cabelo indómito de fera.

Repara e vê a doce realidade:
os nossos jogos simples e ingênuos!
Esta soalheira vespertina hoje é-nos
Bela imagem da nossa felicidade.

4.

Cigarreio sem sol neste dezembro.
E um céu da côr da angústia que me dá
a tua ausência em carne e em pensamento.

Magoa-me o teu rosto que não lembro
e o teu vestido branco tafetá
que voava batido pelo vento.

Se esta vida tão clara e simples fosse
como a imagem fixada desse instante
nenhum mal me faria esta chuva precoce.

Chuva, mãe dos poetas, minha amante,
lava às acácias o sanguíneo canto,
cala a voz das cigarras e o meu pranto!

como te reencontro

1.

Quando nos encontrámos
era já muita a dor em nossos rostos
os olhos duma dureza imóvel
e os gestos determinados.

— Onde ficara a alegria, meu amor?

— Onde a ingénua mobilidade
dos olhares e gestos espontâneos?

Havia apenas uma riqueza oculta:
Escondida, vinha connosco a mágoa
de duas criancinhas maltratadas.

2.

Quanto tempo levámos para nos encontrar-
[mos!

Na tarde clara tento perscrutar
todo o longo caminho que andámos sepa-
[rados,

Todos os ventos norte e sul e leste e oeste
que traçaram caminhos no teu facies

Todos os gritos loucos que feriram
a carne sensitiva do teu peito

Todas as marés altas que afogaram
soluços que nasciam da tua alma

E não encontro resposta. E me entristeço.

3.

Componho a tua vida dos elementos
que ainda trazem sorrisos aos teus lábios...
Comemos maçãs-da-Índia e maçarocas
Conversamos com o vento e a maresia
Combinamos passeios com micondos
e bananas sakala em tua saca

No poço fundo da infância te reencontro!

o h e n d a i x a l a

A loucura tocou as nossas mãos.
Súbitas luzes passam nos teus olhos.
O excessivo pudor nos aproxima:
Riqueza dos segredos revelados!

Não importa a incerteza e o impossível:
Deles e nós, conscientes, nos sorrimos.
Para além do momento, nós sabemos:
O amor ficará — O HENDA I XALA.

ÍNDICE

SONETO (-III-1956)	7
A CONSTRUÇÃO DO AMOR (15-IX-1956)	9
DOIS MOMENTOS (-X-1954)	13
SOB AS ACÁCIAS FLORIDAS	
— 1 (25-XI-1956)	15
— 2 (13-XII-1956)	16
— 3 (14-XII-1956)	16
— 4 (15-XII-1956)	17
COMO TE REENCONTRO (5-VI-1957)	19
O HENDA I XALA (26-I-1957)	23

Composto e impresso nas oficinas
gráficas da Editorial Minerva
— Rua da Alegria, 30 — LISBOA